

A ETNOGRAFIA NA CIDADE: DESAFIOS DA PROXIMIDADE EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA

ETHNOGRAPHY IN THE CITY: CHALLENGES OF PROXIMITY IN CONTEXTS OF VIOLENCE

ETNOGRAFÍA EN LA CIUDAD: DESAFÍOS DE PROXIMIDAD EN CONTEXTOS DE VIOLENCIA

Luiz Henrique Gamboa Marques¹

RESUMO: Neste trabalho buscarei refletir sobre as contribuições e desafios da etnografia para a temática da violência urbana. Tomarei como ponto de partida uma experiência etnográfica que versa sobre representação da violência em dois bairros populares no município de Campina Grande - PB. No decorrer do texto descreverei as dificuldades e dilemas que enfrentei em campo e como estes foram fundamentais para a compreensão dos grupos estudados. Apresentarei, também, as contribuições de uma visão etnográfica baseada na proximidade em contraponto a visões homogeneizadoras da violência urbana.

Palavras-chave: Etnografia. Violência urbana. Metodologia de pesquisa.

1185

ABSTRACT: In this work I will seek to reflect on the contributions and challenges of ethnography to the theme of urban violence. I will take as a starting point an ethnographic experience that deals with the representation of violence in two popular neighborhoods in the city of Campina Grande - PB. In the course of the text, I will describe the difficulties and dilemmas I faced in the field and how these were fundamental for the understanding of the groups studied. I will also present the contributions of an ethnographic vision based on proximity as a counterpoint to homogenizing visions of urban violence.

Keywords: Ethnography. Urban Violence. Research Methodology.

RESUMEN: En este trabajo buscaré reflexionar sobre los aportes y desafíos de la etnografía al tema de la violencia urbana. Tomaré como punto de partida una experiencia etnográfica que trata sobre la representación de la violencia en dos barrios populares de la ciudad de Campina Grande - PB. A lo largo del texto, describiré las dificultades y dilemas que enfrenté en el campo y cómo estos fueron fundamentales para la comprensión de los grupos estudiados. También presentaré los aportes de una visión etnográfica basada en la proximidad como contrapunto a las visiones homogeneizadoras de la violencia urbana.

Palabras clave: Etnografía. Violencia urbana. Metodología de investigación.

¹ Graduado em ciências sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduado em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Ciências Criminais pela CESREI Faculdades. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande e Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia- UFBA. Email: lhgamboaz011@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A utilização do método etnográfico em estudos urbanos já possui uma grande tradição. Desde a escola de Chicago, fenômenos como segregação racial, desvio, sociabilidades etc., têm sido alvo de estudos que tem como método a etnografia. Neste trabalho, buscarei refletir sobre as contribuições e desafios da etnografia para a temática da violência urbana. Tomarei como ponto de partida uma experiência etnográfica² que versa sobre representação da violência em dois bairros populares no município de Campina Grande - PB. No decorrer do texto descreverei as dificuldades e dilemas que enfrentei em campo e como estes foram fundamentais para a compreensão dos grupos estudados. Apresentarei, também, as contribuições de uma visão baseada na proximidade, em contraponto a visões homogeneizadoras da violência urbana.

O QUE É ETNOGRAFIA?

A Antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente, identificou-se com o método etnográfico. Mas o que é etnografia? Como aponta Peirano (2008) mais do que uma técnica, a etnografia é uma postura intelectual; uma maneira de chegar à realidade mediando o conhecimento de dois mundos, o do pesquisador e o do “nativo”. Essa postura intelectual, nas palavras da autora, é uma *teoria vivida*:

A etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria *em ação*. (PEIRANO, 2008).

O conhecimento etnográfico está fundado na empatia, na proximidade. É um estar com o outro, compreender seus códigos, os significados que ordenam seu mundo. Consiste num mergulho na vida cotidiana desses “Outros” que queremos compreender:

O método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos.” (MAGNANI, 2002, p.17).

A etnografia é um empreendimento que passa pela subjetividade do Antropólogo. Os resultados de sua pesquisa serão fruto de múltiplas influências que o etnógrafo muitas vezes não tem controle. Nossos referenciais teóricos, o contexto e as condições em que foi realizada a pesquisa, e a própria história individual do pesquisador demarcam as questões e conclusões do

² Trabalho de campo realizado para a dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande: Violência e cidade: sociabilidades, territórios, e relações étnico-raciais no conjunto habitacional Severino Cabral, Campina Grande-PB.

estudo. Em outras palavras, a etnografia é uma tentativa de objetivar uma experiência compartilhada entre pesquisador e o grupo estudado. O que implica dizer, também, que a cientificidade do método etnográfico está na sinceridade epistemológica, ou seja, na descrição detalhada dos procedimentos adotados, do contexto da pesquisa, e a posição individual do pesquisador.

De maneira clássica, a etnografia consistia, basicamente, em viver um tempo considerável com outro grupo. Os grupos escolhidos foram, inicialmente, as sociedades mais “simples” da Ásia e da África. A antropologia clássica volta-se a sociedades com tradição histórica diversa, buscando interpretar costumes e padrões culturais distintos dos nossos. Voltava o olhar ao “outro”, às sociedades “simples” e “fechadas”. Busca-se interpretar as totalidades, sistemas culturais que dão sentido e norteiam a ação. Malinowski foi quem consolidou a etnografia como método próprio da antropologia. Para ele, etnógrafo deveria passar um tempo considerável com os nativos, vivendo com eles, participando de seu cotidiano, observando suas práticas religiosas, costumes até que os nativos não mais estranhassem sua presença.

Para Malinowski, o etnógrafo deve estabelecer as leis que regem a vida dos nativos; descrever todas as regularidades que organizam a vida do grupo. O etnógrafo de campo devia “analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam a cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros” (MALINOWSKI, 1979)

Este objetivo o etnógrafo conseguiria trilhando três caminhos: primeiro deveria coletar dados estatísticos para demarcar claramente a organização do grupo; em segundo lugar, deveriam ser observados minuciosamente os “imponderáveis da vida real”- detalhes da prática cotidiana o que só é possível com o contato íntimo e diário com o grupo estudado; e por fim, devem ser consideradas as narrativas, os mitos fundadores, os elementos folclóricos que apontam para uma forma de pensar nativo. Esse conjunto formaria o que Malinowski chamou de o “esqueleto, carne e o sangue da cultura”.

Essas três abordagens conduzem ao objetivo final da pesquisa, que o etnógrafo jamais deve perder de vista, em breves palavras, esse objetivo é o de apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo. (MALINOWSKI, 1979. p. 123).

No decorrer da história da antropologia o método etnográfico passou por diversas transformações, passando por reformulações e por concepções teóricas distintas. Um dos autores

que ajudou a mudar o entendimento sobre e a etnografia foi Clifford Geertz. Ele defende que o conceito de cultura é semiótico, ou seja, “acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como essas teias” (1989, p.15). A análise dessas teias deve ser feita por uma ciência interpretativa que busca analiticamente os significados, e não por uma ciência experimental que busca leis. O autor destaca que o método adequado à análise interpretativa da antropologia é a descrição densa, que reporta à percepção dos sentidos impressos pelo indivíduo, na medida em que é compartilhado e compreensível pelos demais.

Nesse sentido, as críticas tecidas a Malinowski demonstram que para obter o ponto de vista dos nativos não é preciso habitar com eles, tornar-se um nativo ou copiá-lo, mas sim procurar conversar e situar-se entre eles para captar o sentido das ações sociais que são compartilhados entre os indivíduos. Deste modo, o etnógrafo “deve atentar-se para o comportamento e, com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento – ou mais precisamente, da ação social – que as formas culturais encontram articulação” (GEERTZ, 1989, p.27).

A ETNOGRAFIA NA CIDADE

1188

Ao pensarmos em cidade logo nos vem à mente, automóveis circulando, pessoas transitando, operários trabalhando em construções, centros comerciais, edifícios gigantescos, favelas, enfim, movimento, rapidez. A metrópole moderna, fruto do desenvolvimento capitalista e revolução industrial, certamente originou uma forma de viver diferente de qualquer outra vista na história. A antropologia urbana tem se preocupado sobre o que caracteriza o “ser” urbano, seu pensamento e sua cultura. A Escola de Chicago foi pioneira do deslocamento da utilização da etnografia para o contexto urbano. Com uma forte influência de Georg Simmel e da filosofia pragmática autores como Robert Park, Louis Wirth, William I. Thomas, possuíam uma *concepção espacial do social* e buscavam entender como o espaço físico se relacionava com a esfera da cultura. Como afirma Velho (2009) o que caracterizava a Escola de Chicago não era um corpo teórico unificado, mas sim um programa de pesquisa empírica que tinha na etnografia seu principal método. Abordavam os mais variados temas, em sua maioria relacionados ao meio urbano e a própria Chicago que serviu como o laboratório por excelência. Entre os temas mais abordados estavam: relações raciais, ecologia urbana, carreiras e profissões, grupos desviantes,

arte, minorias étnicas, processos de socialização, instituições totais, imprensa, comunicação de massas, bairros, educação, etc.

No Brasil a etnografia urbana começou a se consolidar na década de 1960 sobre influência da Escola de Chicago, principalmente com Gilberto Velho e seus estudos sobre a classe média urbana e desvio. E nas décadas posteriores, 1970 e 1980 1970 e 1980, em torno do tema da periferia, com a produção de pesquisas marcadas pela polarização entre os conceitos de cultura e ideologia (FRÚGOLI JR, 2005). Segundo Velho (2009) foram dois os principais temas abordados na antropologia urbana em geral, e no Brasil em particular: a temática da fragmentação que pode ser vista como talvez um caso limite do repertório básico da sociabilidade; e a temática das identidades. Nessa direção, uma das áreas de pesquisa mais importantes no desenvolvimento da antropologia urbana tem sido o estudo de bairros, áreas da cidade, localidades, ruas, espaços em geral, em que formas de relacionamento organização e sociabilidade são exercidas (VELHO, 2009).

A etnografia tem muito a oferecer nos estudos urbanos. Como afirma Magnani (2002) uma etnografia *de perto e de dentro* nos fornece ferramentas para observar processos e agências. Uma escala microssocial e aproximada, afasta-nos do risco de uma visão estática e homogeneizadora, com estruturas reificadas que podem fortificar concepções estereotipadas e preconceituosas. Segundo o autor pode-se reunir em dois blocos as abordagens contemporâneas sobre o urbano: a primeira voltada à análise do mundo subdesenvolvido enfatiza aspectos desagregadores do processo de urbanização tais como violência, periferização, colapso dos sistemas de transporte, etc; a segunda mais comum na análise dos países desenvolvidos, projeta cenários marcados por uma sucessão de imagens, resultado da superposição e conflitos de signos, simulacros, não-lugares, redes e pontos de encontro virtuais.

Ainda que por caminhos diferentes esses dois blocos de análises chegam a conclusões semelhantes: o caos urbano, um material e outro simbólico. Nos dois casos, todavia, observa-se a ausência dos atores sociais. A cidade aparece separada dos seus moradores, determinada pelo interesse de agentes econômicos transnacionais, elites globais, variáveis demográficas, setor imobiliário e outros fatores de ordem macro. Ficam invisibilizados os moradores propriamente ditos com sua gama de estilos de vida, formas de sociabilidade e apropriação do espaço, conflitos, lutas por reconhecimento. É justamente este aspecto que a etnografia ajuda a resgatar.

A incorporação desses atores e de suas práticas permitiria introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade, para além do olhar “competente” que decide o que é

certo e o que é errado e para além da perspectiva e interesse do poder, que decide o que é conveniente e lucrativo. (MAGNANI, 2002).

A proximidade do fazer etnográfico, possibilita interpretar a realidade urbana em sua complexidade e rapidez que lhe é característica. Afasta-nos do perigo de reforçar visões midiáticas muitas vezes visões simplificadoras dos processos sociais. À frente veremos como isso é importante para os estudos da violência urbana.

DESAFIOS DA PROXIMIDADE EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA

Como dito anteriormente toda pesquisa etnográfica é marcada pela subjetividade do pesquisador. Então iniciaremos narrando como surgiu minha problemática de pesquisa relacionando-a a minha trajetória individual. Desde criança reside em Bodocongó, um bairro popular da cidade de Campina Grande-PB. Bodocongó é um dos bairros mais antigos da cidade, nasceu em 1915 junto com a construção do açude que leva o mesmo nome. Desde o início a localidade se caracterizou por ser um bairro operário. Foram instaladas nas décadas subsequentes a construção do açude diversas fabricas³ levando o crescimento demográfico da região. Hoje o bairro possui uma população de mais de 13 mil habitantes divididos em áreas bastante heterogêneas, com níveis de qualidade de vida extremamente variados, abarcando, por exemplo, o Bairro universitário e a Vilas dos Teimosos.

1190

Onde moro apresenta um pouco da heterogeneidade de um bairro popular, convivendo em espaços muito próximos pessoas de classe média e pessoas que podem ser consideradas pobres. Residem ali, por exemplo, policiais, comerciantes, professores da rede básica, operários, desempregados etc.

Durante minha graduação em ciências sociais, brincava de analisar o bairro, comparando-o com os novos espaços que estava tendo contato graças a universidade. Observava as sociabilidades, como meus amigos encaravam as dimensões do trabalho e estudo, a relação que estabeleciam com o centro da cidade. No entanto, não passava de uma brincadeira, uma curiosidade que prescindia de qualquer rigor analítico ou de pretensões acadêmicas. Isto mudou radicalmente quando um amigo de infância sofreu a brutalidade de uma violência policial quando “confundido” com um fugitivo. Perguntei-me repetidas vezes porque ele, jovem negro, e naquele espaço tinha sido o alvo da violência policial. Por que não perto da universidade ou em um bairro de elite? Todavia o que mais me chocou a época, foi o fato de algumas pessoas

³ Destacam-se uma Indústria têxtil, um curtume e um matadouro.

afirmarem a necessidade e legitimidade daquela ação. Para boa parte das pessoas com quem conversei parecia justificável que em uma situação de suspeita a polícia agisse com violência.

A partir deste momento desloquei meus esforços para a compreensão da dinâmica da violência e como um determinado discurso o ligava a discriminação racial. Queria entender como o discurso da violência organizava as relações sociais e a ocupação do espaço em determinadas localidades, legitimando a criação de tecnologias de exclusão social e de políticas de distanciamento de grupos considerados perigosos.

UMA PESQUISA NÃO REALIZADA

Primeiramente, escolhi como lugar de pesquisa uma comunidade chamada Campo D' Angola situada no distrito de São José da Mata. Meu contato inicial com a comunidade ocorreu quando participei de uma associação de juventude⁴ que tinha nessa localidade suas principais ações. Ainda nesta a época, por volta de 2010, soube o quanto a violência afligia aos moradores e da estigmatização imposta à comunidade.

Campo D'Angola é uma comunidade pobre que foi fundada por escravos fugidos em fins do século XIX. Em sua maioria da etnia Angola, essas pessoas fugiram de engenhos de açúcar de Pernambuco, por volta de 1870, em decorrência dos sofrimentos ocasionados por uma grande seca. Instalaram-se nos antigos campos de laranjeiras onde estabeleceram uma rede de permanência cultural. Ainda hoje, uma parcela considerável de sua população é formada por pessoas negras e permanecem traços culturais afroamericanos, como se pode observar com o grande número de terreiros de candomblé ali presentes.

Mesmo o Campo D'Angola fazendo parte de São José da Mata, existe uma delimitação clara entre as localidades. Desde sua fundação, a comunidade Campo D'Angola é estigmatizada pela população circunvizinha, vista como lugar perigoso, cheio de “macumbas”, lugar para ser evitado. Hoje o Campo D'Angola é aparentemente um pouco mais pobre e sem infraestrutura, possuindo diversas ruas sem calçamento e saneamento básico. Possui também sua população dividida entre zonas rurais e a urbana. Além disso, nos últimos dez anos a comunidade sofreu com o aumento das taxas de homicídios e do tráfico de drogas, fortalecendo, sua estigmatização.

Durante alguns meses tentei me aproximar do universo de pesquisa. Comecei por meus amigos da associação que moravam em Campo D'Angola. Desde o início eles me alertavam da impossibilidade e do perigo de realizar qualquer pesquisa no lugar. Havia ocorrido nos últimos

⁴ Associação de juventude pelo resgate à cultura e cidadania (AJURCC).

anos na comunidade diversos assassinatos devido a disputas pelo domínio do tráfico de drogas e soaria estranho alguém de fora se interessar pelo lugar. Dos cinco amigos com quem pude conversar, todas deslocaram suas narrativas para a ocorrência desses homicídios. Narravam com riqueza de detalhes as mortes e algumas histórias que tinham vivenciado com as vítimas. Quase todos que morreram eram conhecidos; pessoas com quem partilharam brincadeiras de criança ou estudaram juntos, ou eram amigos próximos. Era clara a personalidade da violência do lugar. Aparentemente todos sabiam por quem e como tinham ocorrido os homicídios. Sabia-se os fatores que estavam por trás dos assassinatos: rixas antigas, disputas por mulheres, defesa de algum amigo ou familiar, tudo permeado por um complexo código de honra masculino. As mortes que tinham sido noticiadas pela imprensa pela alcunha homogeneizadora de “envolvimento com o tráfico”, ganhavam nessas narrativas conteúdo e significado.

Para mim, essas narrativas apontavam para a formação de um *ethos* guerreiro com fortes códigos de honra e uma personalidade distinta daquela observada na violência em grandes cidades⁵. Isso fugia um pouco dos meus interesses iniciais, no entanto, ficou claro que esta narrativa fazia muito mais sentido aos moradores. Tentei alargar o leque de informantes e sair do reduto dos amigos, todavia, como eles me alertaram, reinava uma desconfiança total dos moradores. Mesmo eu não falando diretamente do que se tratava a pesquisa, usando de gigantescos eufemismos, pouco era dito. Também não foi suficiente a mediação dos meus amigos da associação. Continuei sendo um estranho e o interesse de alguém de fora da comunidade parecia demasiado suspeito. Minhas tentativas foram falhas.

Precisava de muito mais tempo para ter um lugar na comunidade, de compartilhar experiências que me enquadrasse dentro daquela rede de personalidade, para que as pessoas falassem comigo e eu pudesse realizar a pesquisa sem correr riscos a minha integridade física. E isso não foi possível que em uma pesquisa de mestrado.

PESQUISANDO EM CASA

Depois de fracassados meus esforços em Campo D’Angola, tive que procurar outro lugar onde realizar a pesquisa. Então pensei, por que não no bairro onde morei? Havia quase um ano e meio que havia me mudado, mas mantivera algumas amizades que poderiam me ajudar.

⁵ Ver MACHADO DA SILVA S , L.A Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano.

Na primeira volta que dei no bairro tive a sensação de que novamente era estrangeiro. Tudo parecia diferente, as casas estavam mudadas, as ruas, as pessoas. Pedi a um amigo que fizesse essa caminhada de “reconhecimento” comigo; ele conhecia pelo nome e cumprimentava quase todas as pessoas que encontrava. Eu conhecia poucas delas, a maioria apenas de vista, sem nenhum laço de intimidade. No entanto, desta vez pude fazer a pesquisa. As pessoas falavam com facilidade sobre o tema da violência. A violência, apesar de muito presente nas narrativas, era sempre reportada a um “outro” indeterminado. Ninguém sabia ao certo de onde vinha o perigo, sabia-se apenas que ele existia como uma sombra esperando em algum “lugar vazio”. Isso implicava uma sensação de perigo muito presente e uma vigilância constante em não ser assaltado.

Ao contrário da pessoalidade da violência de Campo D’Angola naquela área de Bodocongó⁶, não se conhecia quem estava envolvido com a criminalidade, nem se compartilhava nenhuma experiência de sociabilidade com ele. Para aquelas pessoas, os assaltos que ocorriam no bairro eram efetuados por alguém de fora, de algum outro bairro da região, geralmente Ramadina e Pedregal⁷.

A própria natureza da percepção da violência deste bairro fez com que eu fosse aceito pelos moradores. Também contou o fato que eu tinha morado ali; parecia muito mais aceitável e plausível o interesse pelo bairro.

Como aponta Velho (1978), por muito tempo se pensou que era necessário distanciamento entre o pesquisador e seu “objeto” para construir conhecimento. Isso levou muitos antropólogos a percorrerem grandes distancias em busca de culturas diferentes das ocidentais. Acreditava-se que o contato com o exótico nos possibilitaria o distanciamento necessário para a realização da pesquisa de maneira objetiva. No entanto, distancia não significa conhecimento, tampouco a familiaridade por si mesma. Dispomos de categorias que, como em um mapa, posicionam pessoas e grupos da realidade que nos é próxima. Mas isso não quer dizer que conhecemos os sistemas que estão imbricados nessas relações. Para transformar familiaridade em conhecimento é necessário se colocar na posição do “outro” através de uma investigação sistemática. E, para além disso, relativizar nossos conceitos e premissas anteriores.

⁶ Realizei minha pesquisa apenas no Conjunto Severino Cabral que faz parte do Bairro Bodocongó.

⁷ Dois bairros considerados pobres que rodeiam Bodocongó.

O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito dos fatos, situações. (VELHO, 1978. p.131).

O fato de ter morado no local de pesquisa possibilitou que eu a realizasse. Pude utilizar das redes sociais que participei durante a infância para me aproximar das pessoas sem gerar mais estranhamentos e desconfianças. Pude andar sem atrair muitos olhares, rever amigos, participar da vida do bairro. No entanto, a familiaridade implica, também, um exercício de relativização de minhas categorias, e principalmente um desprendimento emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com todos os seus desafios a etnografia tem muito a oferecer ao estudo da violência e do urbano de modo geral. Ao resgatar a importância dos atores sociais e suas práticas cotidianas de sociabilidades, conflitos, organizações, a etnografia impede que caiemos em lugares comuns dos estudos urbanos. Ao encaixar todas as práticas de violência na categoria de violência urbana, sem observar as especificidades históricas com que ela ocorre em cada lugar, corre-se o risco de reforçar e legitimar preconceitos. Minha pesquisa tem demonstrado que em dois bairros populares da mesma cidade, pode-se observar práticas e percepções de violência muito distintas. Trabalhos de “sobrevoo”, pautados puramente em análises estatísticas ou nas visões oficiais não captam as minúcias, as histórias, a complexidade da rede de relações e práticas que se organizam a partir da vivência em espaços marcados pela violência.

1194

REFERÊNCIAS

FRÚGOLI JR. Heitor. *O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia*. Rev. Antropol. vol.48 no.1 São Paulo Jan./Junho 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012005000100004

GAMBOA, Luiz. H. M. *Violência e cidade: sociabilidades, territórios e relações étnico-raciais no conjunto habitacional Severino Cabral*. Dissertação (mestrado em ciências sociais) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande. 2014.

GEERTZ, Clifford. “*Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*”. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 13-41.

MAGNANI, J.G. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Rev. bras. Ci. Soc. vol.17 no.49 São Paulo Junho de 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269092002000200002&script=sci_arttext acessado em junho de 2013.

MALINOWSKI, B. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo ed Abril. Coleção os Grandes Pensadores. 1979.

PEIRANO, Mariza. *Etnografia, ou a teoria vivida*. Ponto urbe. Ano 2, Versão 2.0, fevereiro de 2008. Disponível em: <http://n-a-u.org/pontourbeo2/Peirano.html> Acessado em 08/09/2013

VELHO, Gilberto. *Observando o Familiar*. In NUNES, Edison de O. *A aventura sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *Antropologia Urbana* :Encontro de tradições e novas perspectivas. *Sociologia, Problemas e Práticas* n.59 Oeiras jan. 2009. Disponível em http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=So87365292009000100002&script=sci_arttext